

A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Por Felipe de Menezes¹

A Cia. Apocalíptica, vinda da cidade de São José do Rio Preto, apresentou o espetáculo teatral *A revolução dos bichos*, no dia 6 de setembro, no Cine Santana, durante o 37º Festivale. A Companhia, que já completou uma década de vida, criou esse espetáculo graças aos recursos financeiros providos de premiação pública, no caso o Proac, que possibilitou ao coletivo, inclusive circular com o mesmo trabalho.

Como um musical infantil, o espetáculo, que estrou em janeiro de 2022, se estabelece como uma boa produção do gênero. Aliás, não é comum encontrarmos grupos de pesquisa, no interior, com ênfase no teatro para público infanto-juvenil. E essa é a razão que faz a Apocalíptica se manter, há 10 anos, com produções regulares (não apenas no universo infantil). Sabemos todos que os artistas do interior do Estado são sempre os mais prejudicados em termos de políticas públicas para a área da cultura. Sabemos, também, das tristes realidades de cidades que nem secretaria de cultura têm; outras que têm, mas que não efetivaram seus planos de cultura. São José do Rio Preto é uma dessas cidades que volta e meia temos notícias no meio teatral. É conhecido, pela gente de todo Estado, o ativismo cultural e a participação política ativa dos artistas da cidade no debate do fazer teatral de grupo no interior e litoral.

¹ *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

George Orwell, mais uma vez, se mostra atualíssimo para falarmos de como nos organizamos em sociedade, ou melhor, de como temos que aceitar algumas heranças nos modos de organização social sem nem sequer podermos opinar ou transformar. Mas esse, felizmente, não é o caso do mundo criado por Orwel e encenado pela Apocalíptica. Com direção de Lawrence Garcia, assistência de direção de Juliana Calligaris, dramaturgia de Garcia e Lucienne Guedes Fahrer e direção musical de Beto Vanella, o espetáculo ressuscita uma discussão oportuna que nos acende um farol para o fato de estarmos sempre sendo manipulados por aqueles que detém os poderes. E essa manipulação, engenhosamente aclimatada para nossa identificação e do público-alvo faz, deste trabalho, uma preciosidade na programação do Festivale. O elenco, nessa apresentação, foi formado por Danilo Melo, David Balt, Fabiana Pezzotti, Fernanda Missiaggia, Marcelo Nogueira, Maria Merlô, Mayara Martinelli e Tiago Augusto Lima – que atuaram coletivamente de maneira muito graciosa e cheios de vivacidade em cena.

Ao final da apresentação, no bate papo com o público presente, crianças e adultos falaram um pouco do que viram, ouviram, sentiram e entenderam. É sempre muito bom dividir os assentos de uma plateia de teatro com diferentes faixas etárias, gêneros e ideologias. Cada qual tem a sua percepção sobre o material dramático apresentado. E, nesse trabalho, as crianças tiraram de letra os conceitos da encenação proposta por Lawrence Garcia – que se mostra um diretor extremamente sensível e afinado com as questões sociopolíticas do mundo que vivemos.

Toda a visualidade e sonoridade do espetáculo, a saber, figurinos, cenografia e música completam a beleza do trabalho. A minuciosidade, com que nos são apresentados esses elementos constituintes da encenação, só nos provam que o trabalho foi feito com muito esmero e dedicação.

Parabéns, Apocalíptica! Viva o povo de teatro rio-pretense!